



Ader-Sousa – Associação de Desenvolvimento Rural das Terras de Sousa

CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO

TURISMO CULTURAL

MUSEU COMO ATRACTIVO TURÍSTICO

- CRIAÇÃO DE UM CENTRO DE TRADIÇÕES, ARTES E OFÍCIOS NO VALE DO SOUSA

Maria Adelaide Monteiro da Fonseca

Professor Orientador – Dra. Joana Neves

FELGUEIRAS

13 DE Janeiro de 2006



Ader-Sousa – Associação de Desenvolvimento Rural das Terras de Sousa

CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO

TURISMO CULTURAL

MUSEU COMO ATRACTIVO TURÍSTICO

- CRIAÇÃO DE UM CENTRO DE TRADIÇÕES, ARTES E
OFÍCIOS NO VALE DO SOUSA

“Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,

Muda-se o ser, muda-se a confiança.

Todo o mundo é composto de mudança,

Tomando sempre novas qualidades.”

Luís Vaz de Camões

Maria Adelaide Monteiro da Fonseca

Professor Orientador – Dra. Joana Neves

Identificação da Aluna

Maria Adelaide Monteiro da Fonseca

Formação de Base – Licenciatura em Turismo

Progressão Académica (2005/2006) – Aluna do 2ºano do Mestrado em Gestão e Planeamento em Turismo – Universidade de Aveiro

Actualmente desempenha funções de Coordenadora e docente da área técnica de Turismo e Viagens no Instituto de Santo Tirso.

Pontualmente desenvolve projectos de formação em parceria com entidades e empresas do sector turístico.

A opção de frequência da Pós-Graduação de Turismo Cultural promovida pela entidade Ader-Sousa deveu-se á importância que este assunto possui no contexto nacional e internacional.

Não podemos esquecer que, cada vez mais o património é um recurso sustentável de desenvolvimento local com potencialidades turísticas para os equipamentos de suporte á actividade turístico.

A ênfase na aposta que, cada governo introduz nas políticas culturais, na preservação, na gestão e dinamização do património histórico-cultural é bem visível e tem vindo a ser incrementado ao longo dos tempos.

As aldeias históricas, as capitais europeias da cultura, os centros culturais (CCB, Casa da Música), os museus locais e regionais globais ou temáticos (Museu do Pão, Museu do Vinho do Porto) são exemplos vivos de que cada vez mais é necessário apostar em produtos

direccionados para a preservação da identidade cultural, nomeadamente o Turismo Cultural.

Foi nesta perspectiva que, o meu interesse vinculou na pós-graduação como forma de aumentar os meus conhecimentos académicos, desenvolver uma perspectiva mais alargada sobre a temática e poder participar num projecto deveras interessante.

E por fim, poder contribuir para o desenvolvimento a longo prazo de uma rota temática histórico-cultural do Vale do Sousa.

INDICE

Identificação da Aluna – 3/4

Resumo – 7

Objectivos – 8

Descrição do Problema – 8

Perguntas de Partida – 8

Metodologia – 9

Introdução – 10 / 12

PARTE I – 13/18

Turismo Cultural a relação dantesca com o Património

PARTE II – 19/23

Museu como atractivo turístico – implementação de um centro de tradições, artes e ofícios

2.1. Implementação do centro de tradições, artes e ofícios

2.1.1. Diagnóstico e caracterização do Vale do Sousa

2.2.2. Análise SWOT

Conclusão – 24/25

Bibliografia – 26/27/28

CITAÇÃO

“... O museu é uma instituição a serviço da sociedade, da qual é parte integrante e que possui nele mesmo os elementos que lhe permitem participar na formação da consciência das comunidades que ele serve; que ele pode contribuir para o engajamento destas comunidades na acção, situando suas actividades em um quadro histórico que permita esclarecer os problemas actuais, isto é, ligando o passado ao presente, engajando-se nas mudanças de estrutura em curso e provocando outras mudanças no interior de suas respectivas realidades nacionais.”

Mesa Redonda de Santiago do Chile – 1972.

RESUMO

O estudo pretende fornecer alguns elementos pertinentes para o desenvolvimento a longo prazo de um projecto assente na concepção de um centro de tradições, artes e ofícios no Vale do Sousa.

A relação turismo / património estabelecida ao longo do trabalho permite concluir que a criação de um centro de tradições, artes e ofícios no Vale do Sousa será uma mais valia económica, social e cultural para a região.

Palavras-Chave

Património Cultural – Turismo Cultural – Museu – Recurso Turístico – Atractivo Turístico – Identidade Local
Desenvolvimento Sustentável – Competitividade

OBJECTIVOS

- Desenvolver uma proposta de criação de um centro de tradições, artes e ofícios como um equipamento complementar de apoio á Rota do Românico no Vale do Sousa;
- Sugerir actividades de rentabilização e utilização do centro;
- Relacionar a importância do Turismo Cultural com o desenvolvimento turístico sustentável das populações locais, nomeadamente a população local do Vale do Sousa;

DESCRIÇÃO DO PROBLEMA

Demonstrar que um museu pode ser um importante recurso de atractividade turística, permitindo a criação de um centro de tradições, artes e ofícios.

PERGUNTAS DE PARTIDA

1. - O Museu é um importante recurso turístico capaz de gerar atractividade regional?
2. – O Centro de tradições, artes e ofícios é um importante equipamento de apoio para a Rota do Românico?

METODOLOGIA

Na elaboração do trabalho foi desenvolvida uma estrutura metodológica de selecção, recolha, pesquisa e tratamento de informação, de acordo com o tempo e disponibilidade profissional.

Durante a formação teórica, o Prof. Rafael Sirgado apoiou e analisou a ideia inicial dando alguns itens para pesquisa.

Em termos bibliográficos, a informação foi recolhida junto da Biblioteca Municipal do Porto e da Biblioteca Municipal de Santo Tirso.

No campo prático, houve um itinerário pré – estabelecido de visitas de conhecimento do Vale do Sousa, nomeadamente a Penafiel, no intuito de identificar o local de localização do centro de tradições, artes e ofícios.

INTRODUÇÃO

O Românico do Vale do Sousa é um pólo com elevado potencial turístico que possibilita a dinâmica e a preservação de 21 objectos patrimoniais.

Neste sentido, a criação de um centro de tradições, artes e ofícios irá possibilitar a longo prazo a concretização e consolidação de um produto turístico emergente – o Touring Cultural desenvolvendo a componente turístico – cultural da região ainda pouco visível em termos turísticos.

Antes de iniciarmos o estudo propriamente dito, é importante enquadrar a problemática do turismo cultural, ao longo dos tempos.

O Turismo Cultural começa a ser reconhecido como um produto turístico nos anos 70, contudo, só nos anos 90 com o mercado de massas é que o turismo cultural passa a ser uma actividade de mercado de elevado perfil (“high profile, mass market activity”)¹.

O International Council on Monuments and Sites (ICOMOS), na Carta de Turismo Cultural (1984), concebe turismo cultural como uma forma de turismo cujo objecto é, entre outros, a descoberta de monumentos e lugares.

O turismo cultural abarca não só o consumo de produtos culturais do passado como também da cultura contemporânea ou modo de vida de um povo ou região.

Assim, turismo cultural pode incluir tanto turismo de património (relacionado com artefactos do passado) como turismo artístico (relacionado com a produção cultural contemporânea), turismo étnico.²

¹ Mckercher e Cros, 2002

² Richards, 2000

Neste contexto, o turismo cultural perspectiva-se como um todo delineando interesses na oferta histórica, artística, científica (sentido restrito), mas também no modo de vida de uma comunidade, região, grupo ou instituição (sentido amplo). É-lhe atribuída também a capacidade de estimular o desenvolvimento e revitalização de áreas históricas³.

É por isso que o papel da cultura é multifacetado, uma vez que a cultura é simultaneamente um recurso, um produto, uma experiência.

É fundamental comercializar a cultura, a emergência de produtos culturais, a reestruturação da produção cultural em “indústrias” culturais, um maior investimento por parte do governo e organismos locais na cultura acompanhado por uma crescente procura comercial, aumento do consumo cultural por uma significativa variedade de pessoas, e expansão de oportunidades de formação na produção cultural.

Um exemplo de mudança na definição do papel do turismo cultural na Europa é dado através do evento que é a Capital Europeia da Cultura.

Este evento teve como base dois objectivos, tornar a cultura das cidades mais acessível a uma audiência europeia e criar um “bloco unitário”, um todo da cultura europeia.

Neste sentido, o património constitui um reflexo dos valores culturais da comunidade, isto é, o sustentáculo da sua identidade, em suma o seu maior bem.

Património é, “um conjunto de elementos materiais e imateriais que concorrem para salvaguardar a autonomia

³ 106 Group, 2003

e identidade do seu titular e a sua adaptação ao longo do tempo num universo variável”⁴

Pode distinguir-se entre património tangível e intangível. Património tangível inclui todos os activos que têm materialização física nos valores culturais tais como cidades históricas, edifícios, lugares arqueológicos, paisagens culturais e objectos culturais, ou aspectos da propriedade cultural móvel.

Por sua vez, património intangível inclui todas as formas de cultura popular e folclore, isto é, activos colectivos originários numa dada comunidade e baseados na tradição⁵.

É importante construir e preservar a identidade local, permitindo o aumento da coesão social, da cidadania cultural e memorização do passado.

Esta capacidade de preservação, manutenção e monitorização do património pode ser feito através de uma perfeita gestão simbiótica entre turismo cultural e património, como iremos analisar mais adiante.

⁴ Ollagon, sd

⁵ UNESCO, 2003

PARTE I

“Os traços materiais são os testemunhos que mais se manifestam e que mais duráveis são dentro de um cultura. De muitas civilizações passadas, é tudo o que nos resta.”

Marcel Maget

Turismo Cultural a relação dantesca com o Património

Nem sempre o turismo e o património foram grandes parceiros de desenvolvimento, pelo contrário, houve épocas em que preservar o património não era sinónimo de desenvolvimento turístico de uma região.

A massificação do Turismo, permitiu graves atentados á preservação e manutenção do património, sendo a sua relação por vezes dantesca e guerreira.

A visão economicista do turismo face a uma visão cultural e pouco evoluída da rentabilização dos monumentos levou a que o sector visse o património histórico – cultural como um parente pobre de poucos lucros.

Por outro lado, a estagnação das políticas culturais e a falta de visão assente num comodismo governamental, permitiu que a utilização do uso do património fosse pouco ou quase nula. Apoiar o desenvolvimento regional ou local num vector patrimonial era uma quimera.

O fenómeno turístico, como sabemos, constitui uma actividade de considerável importância no desenvolvimento económico e social de um país com reflexos visíveis ao nível do desenvolvimento local.

Na actualidade, uma percentagem significativa da população urbana é atraída pelos recursos patrimoniais, constituindo destinos de turismo cultural.

Neste contexto, o Turismo deve ser observado e entendido nas suas mais diversas facetas. Como tal, deve ser estudado na sua complexidade.

O turismo é um fenómeno migratório temporário, alimentado por um vai e vem de pessoas.

Contudo, coloca-se a seguinte questão – Será o Turismo uma da “Tábua de Salvação” para as actividades tradicionais e artesanais das comunidades locais?

Esta é mais uma das questões que proponho analisar ao longo do trabalho, tentando apresentar algumas conclusões.

O Turismo, é um óptimo veículo de transmissão e divulgação cultural, mistura ideias, costumes, linguagens, formas de estar e pensar.

Tal como afirma o antropólogo acima citado – Marcel Maquet, os fenómenos materiais são aqueles que mais tempos permanecem visíveis e que servem de prova para muitas outras abordagens acerca da actividade humana no universo.

Utilizar o Turismo Cultural como um segmento de exploração turística, uma viagem ao passado com um circuito pelos objectos é uma estratégia de gestão cultural com formas opcionais de rentabilização a longo prazo.

Cada comunidade, cada região, cada país, possui a sua própria diversidade, ou seja, uma história material que merece ser contada e conhecida. O seu percurso assenta na memória, na criação, na vida de cada recurso turístico composto por uma base histórico – patrimonial.

A relação entre o turismo, tradições, artes e ofícios pode ser analisada da seguinte forma, segundo 4 prismas:

1. Cultura Urbana / Cultura Rural
2. Turismo – Globalização
3. Turismo – Preservação do Património
4. Turismo – Aprendizagem entre Visitante e Visitado

As perspectivas abordadas são interdependentes, neste sentido, o Turismo como fenómeno de massas, foi considerado durante muito tempo uma actividade urbana.

Actualmente, esta ideia apresentada em epígrafe está completamente ultrapassada e a prova são as inúmeras localidades, regiões que aderiram a esta nova forma de “bem-estar populacional de descanso e cultural”.

Este vai – vem de gentes, contribuiu para o cair das fronteiras físicas entre as regiões e simultaneamente para o estreitar de relações entre o tradicional e o moderno.

Sem dúvida, que a globalização é um ponto de afirmação cultural dos povos.

Em altura de grandes revoluções ao nível da tecnologia, contra a “clonagem” cultural insurge-se meio mundo, Lévi Strass defende que “o que deve ser salvo ou preservado é o direito á diversidade e não o conteúdo histórico que cada época deu, dado que nenhuma conseguiria prolongar-se para além de si mesma” ⁶ .

Pergunto eu, a globalização poderá ou não preservar a identidade cultural de cada um de nós? Ou não?

⁶ 1973:339

Claro que sim.

É uma questão que há muito se coloca, contudo, nem sempre é fácil debatê-la ou atingir um consenso.

Temos que entender que a globalização é muito importante, para o progresso e a diversidade da humanidade e neste ponto reside a identidade cultural de cada povo.

A globalização não deve ser entendida apenas no aspecto económico – financeiro, na medida em que, esta abre caminhos de defesa das próprias referências culturais.

Neste contexto e a globalização não fará desaparecer as culturas locais, pelo contrário, tudo o que for realmente importante e valioso culturalmente, encontrará força para germinar, desenvolver-se e expandir-se.

Isto significa que a ideia da preservação das raízes culturais dos povos.

O reavivar de pequenos costumes e tradições locais devolverá à humanidade a riqueza da multiplicidade de comportamentos e manifestações de cada um dos povos.

Garcia Gomez, defende a globalização não como um fenómeno de massificação e homogeneização, mas como um elemento de diversificação.

A cultura constrói-se e reconstrói-se todos os dias, na medida em que, ela é imutável.

Os objectos são por conseguinte construções culturais e, por isso não podem ser entendidos fora de um determinado contexto cultural.

A importância de cada artefacto está intrinsecamente dependente de um padrão cultural.

Ao estudarmos as tradições, as artes e os ofícios de uma comunidade, estamos a conhecer melhor essa mesma comunidade.

O turismo funciona como forma de preservação do património. Para isso, é necessário um conjunto de estudos exaustivos de intervenção cultural, ajustados às necessidades e realidades de cada região.

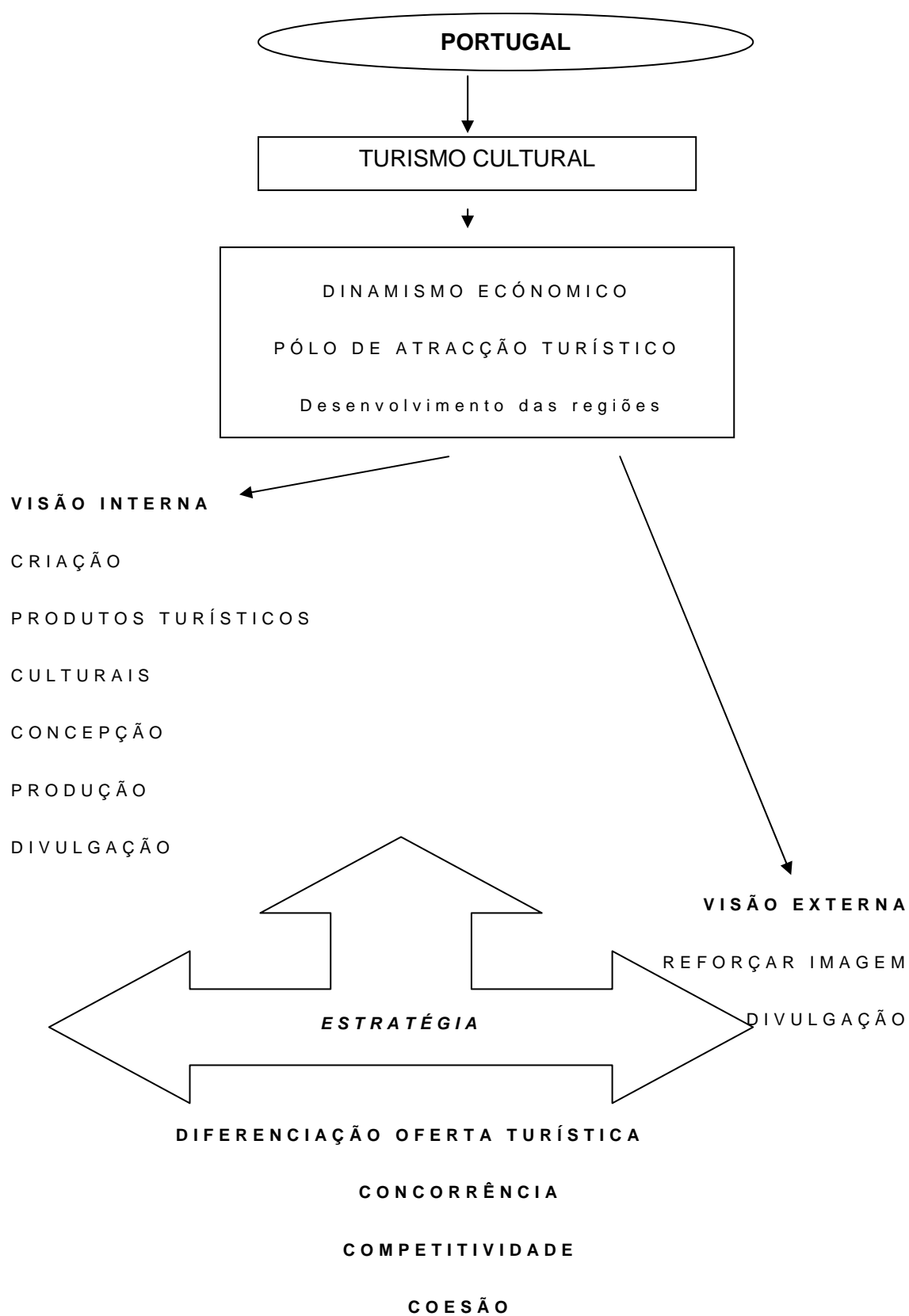
A sua relação que inicialmente era dantesca aos poucos passou a ser complementar e futuramente deverá ser interdependente desenvolvendo para o efeito políticas e estratégias de planeamento conducentes ao desenvolvimento turístico sustentável da região.

Em suma, a cultura é uma construção diária e por conseguinte, permanente. Neste sentido, o fluxo turístico de visitados e visitantes, torna-se complexo e rentável, necessitando para o efeito dessa construção diária.

Neste ponto, os museus assumem-se como um importante local de lazer, entretenimento, investigação e de cultura. Deixando para trás o seu passado monocórdico e passivo e assumindo um papel interactivo e diversificado na transmissão de um passado vivo.

Como forma de argumentação final, no esquema 1, é apresentado a importância do turismo cultural para o desenvolvimento nacional – regional – local do país.

Esquema 1



PARTE II

Museu como atractivo turístico – implementação de um centro de tradições, artes e ofícios

Ao longo do trabalho, tem vindo a ser debatido a relação turismo, cultura, património e a sua importância para o dinamismo económico de um país, isto é, novos produtos turísticos a comercializar, aumento dos recursos financeiros para a balança de pagamentos, competitividade e redução das assimetrias regionais.

Nesta linha de pensamento, é importante referir que os museus, os centros de artes, assumem um papel conciliador e de apoio a circuitos turísticos, excursões, visitas programadas rotas temáticas e culturais (enologia, históricas) sendo um ponto de partida ou chegada, e, em muitos casos um espaço de acolhimento, visita e lazer.

Pois bem, seguindo esta estratégia o que pretendo é apresentar de uma forma muito objectiva e simplista um esboço de implementação de um centro de tradições, artes e ofícios que sirva como um pólo de partida ou chegada (equipamento de apoio e divulgação da rota) da Rota do Românico do Vale do Sousa. Podendo ser utilizado como um projecto âncora de apoio pela entidade promotora do projecto – Ader-Sousa.

A exploração turística dos recursos patrimoniais permite inverter a concentração da oferta turística junto ao litoral, dispersando o turismo para o interior, para as pequenas cidades, com uma distribuição mais equitativa dos seus benefícios, funcionando como um factor de criação de emprego e de revitalização das economias locais.

Por outro lado, representa também benefícios evidentes no que concerne aos custos de preservação do património, que muitas das vezes não podem ser assegurados pelos poderes locais.

Ainda nesta perspectiva, reclama-se com frequência a correcta utilização do património para fins turísticos evitando a massificação das identidades locais, como já foi referido anteriormente.

A cultura, o passado e o património não se vendem nem se compram e se se venderem ou comprarem, todo o sentido último subjacente à expressão cultural dos povos será explorado.

Não podemos negar que entre turismo e património existe uma relação recíproca e intrínseca de dependência.

Contudo, o desafio que se coloca ao turismo é o de utilizar os recursos patrimoniais numa perspectiva de desenvolvimento durável, assente em critérios de qualidade, para que os seus benefícios resultem num efectiva melhoria da qualidade de vida das cidades, tanto daqueles que visitam como daqueles que acolhem.

Para tal, toda e qualquer intervenção patrimonial deverá ser desenvolvida a nível local, com a participação activa de todos os agentes culturais.

2.1. - Implementação do Centro de tradições, artes e ofícios

2.1.1. Diagnóstico e caracterização do Vale do Sousa

- Possui um conjunto de recursos geo – morfológicos humanos, sociais, culturais dignos de serem lembrados e demarcados no tempo;
- Região com potencialidades turísticas – acessibilidades;
- Vale do Sousa, região como elevado potencial económico – industrial;
- Região com intrínsecas raízes culturais e etnográficas;
- Capacidade de investimento;
- Falta de oferta de equipamentos culturais – museus, galerias, centros de artes;

2.2.2. Análise SWOT do centro de tradições, artes e ofícios perante a Rota do Românico

Região de Implementação – Penafiel (centralidade)

Edificação – casa típica recuperada com alas em anexo edificadas de novo, com o objectivo de suporte organizativo de colóquios, seminários, congressos;

Proposta – futura sede da Ader-Sousa

Gestão Cultural – Ader Sousa

Meios Financeiros

- Públicos
- Privados:

- Mecenato
- Parcerias
- Intercâmbios de obras
- Público visitante: entradas
- Organização de eventos e actividades

Tabela 1 – Análise SWOT

S	W	O	T
<p>Funcionalidade</p> <p>Inovação</p> <p>Criação de actividades</p> <p>Apoio á rota centro de recepção</p> <p>Espaço multifuncional</p> <p>Proximidade á cidade do Porto e Guimarães</p>	<p>Recursos financeiros</p> <p>Espaço</p> <p>Dinamização do espaço</p> <p>Recursos humanos</p> <p>Divulgação</p> <p>Articulação das actividades e organismos</p>	<p>Investimento</p> <p>Emprego</p> <p>Competitividade</p> <p>Revitalização de espaço e património</p> <p>Desenvolvimento regional (melhoria das condições socio-económicas)</p> <p>Projecção da imagem do Vale do Sousa - todo</p>	<p>Desinteresse</p> <p>Desconhecimento</p> <p>Produtos turísticos culturais similares</p> <p>Proximidade á cidade do Porto e Guimarães</p> <p>Falta de conhecimento da população local da rota do românico</p> <p>Gestão burocrática do Vale do Sousa (envolvência dos concelhos) no desenvolvimento do projecto</p>

Tabela 2 – Formas de Rentabilização do Espaço

Actividades propostas

Estrutura do Espaço	Actividades
<p>Sala administrativa</p> <p>Recepção</p> <p>4 Salas</p> <p>1 Auditório</p> <p>1 Biblioteca Românica</p> <p>1 Espaço – convívio (Café)</p>	<p>Centro de apoio, acolhimento e recepção aos visitantes.</p> <p>Um espaço dedicado ao Vale do Sousa, fotografias, evolução do concelho;</p> <p>Exposições temáticas de artesanato, trajes, festividades tradicionais, romarias, folclore, jogos populares, lendas, gastronomia e enologia;</p> <p>Actividades de animação popular – cancionero popular, danças, cantares</p> <p>Workshops, sessões formativas, congressos, intercâmbios com universidades portuguesas e estrangeiras (aulas temáticas);</p> <p>Actividades curriculares parceria com as escolas do concelho;</p> <p>Teatro</p> <p>Plano cultural anual de dinamização dos 21 objectos patrimoniais da rota;</p> <p>Promoção da rota cultural do Românico;</p>

Nesta abordagem simplificada de apresentação de um projecto futuro de um centro de tradições, gostaria de ressaltar que a sua concretização é possível, útil e funcional.

Permitirá uma gestão mais activa e dinâmica sob a Rota do Românico dando-lhe um carácter mais comercial.

CONCLUSÃO

“ Uma cultura é avaliada no tempo e se insere no processo histórico não só pela diversidade dos elementos que a constituem, ou pela qualidade de representação que dela emergem, mas sobretudo por sua continuidade. Essa continuidade comporta modificações e alterações num processo aberto e flexível de investigações nos domínios da museologia, da educação ou da formação.” (Estatutos do ICOM. 1995:2-3).

Concluindo, o turismo é uma excelente forma de afirmação cultural e através dele a preocupação de se manter uma certa identidade local ou regional. Neste ponto, estamos a responder às questões inicial de partida. O Museu é um importante recurso de atractividade turística e a implementação do centro de tradições, artes e ofícios é deveras importante para a funcionalidade da rota.

Assim, o tradicional e o moderno caminha de “mãos dadas”, num mundo cada vez mais standarizado e plástico. Contudo, as sociedades marcam a sua diferença através dos seus elementos culturais.

Por tudo que foi dito anteriormente, o turismo pode e deve ser uma das formas de preservação das artes e ofícios tradicionais, desta forma é importante existir perto de um conjunto patrimonial de interesse relevante um centro de tradições, artes e ofícios que dinamize o complexo patrimonial.

A cultura, o passado e o património não se vendem nem se compram e se se venderem ou comprarem, todo o sentido último subjacente à expressão cultural dos povos será explorado.

Não podemos negar que entre turismo e património existe uma relação recíproca e intrínseca de dependência.

Contudo, o desafio que se coloca ao turismo é o de utilizar os recursos patrimoniais numa perspectiva de desenvolvimento durável, assente em critérios de qualidade, para que os seus benefícios resultem numa efectiva melhoria da qualidade de vida das cidades, tanto daqueles que visitam como daqueles que acolhem.

Para tal, toda e qualquer intervenção patrimonial deverá ser desenvolvida a nível local, com a participação activa de todos os agentes culturais.

BIBLIOGRAFIA

QUIVY, Raymond. & CAMPENHOUDT, Luc Van (1995). - **Manual de Investigação em ciências Sociais**, Gradiva, 2ªed. Gradiva Publicações, Lisboa, 1998

ROJEK, CRIS. & URRY, John. - **Touring cultures**, Routledge, 1997

KIRSHENBLATT, Gimblett, Barbara. - **Destination Culture: Tourism, Museums and Heritage**, University of California Press, Berkeley, 1998

MACCANNELL, Dean. - **The Tourist, a new theory of leisure class**, Berkeley e Los Angeles, University of California press, 1999

CRAIK, J. - **The culture of tourism**, in URRY, J. - **Touring Cultures**, London, Routledge, 1997

DOMENACHE, Jean Marie, - **Souveraineté politique et identité culturelle**, in Pour une politique européenne de la culture, Paris, Economica, pag.35

MARQUES, Fernando Pereira. - **De que falamos quando falamos de cultura ?** 1.ª Edição, Lisboa, Editorial Presença, pág. 154, 1995

BONET, L. ; CUBELES, X ; ROSELLÓ, J. - **An approach to management control and evaluation of public centres**, 1997

ALVAREZ, José Luís. - **El Mecenazgo** en El Boletín del Simposio Internacional « Cultura, museos y mecenazgo ante el año 2000 » pp.67-84, Federación Española de Amigos de Los Museos, Madrid, 1994

RIGNAUD, Jacques. – **La Culture vue de l'entreprise : le role du mecenat**, Culture e Societe, Les Cahiers Français, nº260, Março – Abril, pp.88-100, 1993

MENEZES, Luís. A Evolução de conceitos entre as declarações de Santiago de Caracas. In: Cadernos de Museologia. Centro de Estudo de Sócio Museologia. ISMAG/ ULHT. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. 1- 1993.

MOUTINHO, MÁRIO C. **Museus e Sociedade.** Cadernos de Património, 1989.

SANTOS, M.^a Célia Teixeira Moura. **Repensando a Acção Cultural e Educativa dos Museus.** Universidade Federal da Bahia Edições, 1990.

SOLA, Tomislav. Identidade – **Reflexões sobre um problema crucial para os museus.** In Cadernos museológicos n.º 01, 1989.

BALLART, Josep, **El Patrimonio Histórico y Arqueológico: Valor y Uso**, Barcelona, Ariel Patrimonio Histórico, 1997

BAUDRILLARD, J., **Simulacros e Simulação**, Santa Maria da Feira, Relógio d'Água, 1991

GARRIGÓS, Rosa Campillo, **La Gestión y el Gestor del Patrimonio Cultural**, Murcia, Editorial KR, 1998

LOWENTHAL, David, **The Past is a Foreign Country**, Cambridge, Cambridge University Press, 1985

MOREIRA, Carlos Diogo, **Identidade e Diferença. Os Desafios do Pluralismo Cultural**, Lisboa, Universidade Técnica de Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Humanas, 1996

ASHWORTH, G .J. & P. J. Larkham(org.)1994 – **Building a new heritage. Tourism, culture and Identity in the new Europe** (Routledge, Londres e Nova Iorque)

BRITO, Henriques, E.– **Cultura e território, das políticas à prática. Estudo geográfico do património histórico - arquitectónico e da sua salvaguarda** (Faculdade de letras, Lisboa,polic.),2003

CAZES, G. & F.Potier (org.). -**Le Tourisme et la ville: expériences européennes**(éditions L' Harmattan, Paris, 1998

CHOAY, F. – **L' allégorie du patrimoine**, editions du Seuil, Paris, 1992

LOPES, F.& M. Brito Correia. –**Património arquitectónico e arqueológico**. Cartas, recomendações e convenções internacionais, Livros Horizonte, Lisboa, 2004

ORBASLI, A. – **Tourists in historic towns**. Urban conservation and heritage management, E & FN Spon, Londres e Nova Iorque, 2000

ORIGET du Cluzeau,C. – **Le tourism culturel** , PUF, Paris, 1998

TIESDELL, S., OC, T & T. Heath. - **Revitalizing historic urban quarters**, architectural press, Oxford Ma, 2001

BRUNO, Cristina. - **Cadernos de Sociomuseologia** (textos), Cadernos de Estudos de Sociomuseologia, ISMAG/ULHT, Lisboa, 1991

CHAGAS, Mário de Souza. – **Memória e poder: dois movimentos**, In. Cadernos de Sociomuseologia, nº19, Universidade Lusófona de Humanidades e TECNOLOGIAS, Lisboa, 2000

DUARTE, Ana. – **Educação patrimonial – Guia para professores, educadores e monitores de museus e tempos livre**, texto Editora, Lisboa, 1994

FERNÁNDEZ, Luís Alonso. - **Historia y evolución del museo**, in, museologia, Introducción a la teoría y práctica del museo, Madrid, Istmo, 1993

Mesa redonda de Santiago de Chile – 1972, Trad. De Marcelo Araújo e Cristina Bruno, in, Memória do Pensamento Museológico Contemporâneo, Comité Brasileiro do ICOM, 1995

LORD, Barry, LORD, Gail Dexter. – **Manual de gestión de museos**, editorial S.A., Barcelona, 1997

MOREIRA, Fernando João M. – **Uma reflexão sobre o conceito de público nos museus locais**, Lisboa, 11p., não publicado, 2001

CHAGAS, Mário de Souza. - **Um novo (velho) conceito de museu**. In Cadernos de museologia. Lisboa, n.º 02, ULHT, 1993

FERNANDEZ, Luis Alonso. - Museologia ***Introducción a la teoría y práctica del museo***. Fundamentos Maior, 1993.

MOUTINHO, MÁRIO C. ***Museus e Sociedade***. Cadernos de Património, 1989.